

Em palestras na Emissora Nacional, da série *A Ciência ao serviço da Humanidade*, tive ensejo de assinalar os factos referidos e de pôr em relevo o alto valor da actividade científica e pedagógica exercida pelo meu saudoso Mestre de anatomia. Sem esquecer o seu meritório papel de vulgarizador, pus em relevo a sua acção como chefe da escola anatómica portuense, como renovador e director do Instituto de Anatomia, como formador, animador e orientador de discípulos, como investigador original e infatigável em anatomia, sobretudo no terreno das variações, das anomalias e da teratologia. Pires de Lima, que foi, sem dúvida alguma, um dos mais ilustres anatomistas do nosso tempo, foi também, sem contestação possível, o maior teratologista portu-guês de todos os tempos.

Associo-me, pois, por este meio, de todo o coração, à homenagem que a nossa Sociedade lhe prestou e, especialmente, às comovidas e eloquentes palavras que o seu ilustre colaborador e continuador, o Prof. Hernâni Monteiro, lhe consagrou na sessão mencionada.

A. A. MENDES CORRÊA,
Presidente da Sociedade.

O Prof. J. A. Pires de Lima

A sua contribuição nos domínios da Antropologia
e da Etnografia (1)

Faz hoje precisamente setenta e cinco anos que nasceu em Areias, concelho de Santo Tirso, o Prof. Joaquim Alberto Pires de Lima. Foi por isso que escolhemos este dia para a nossa Sociedade reunir e prestar sentida homenagem de saudade à alta memória do eminente professor. Ele e seus discípulos deram sempre a esta Sociedade franca e valiosa colaboração; alguns trabalhos seus foram apresentados às nossas reuniões; as colecções do Museu do Instituto que dirigia estiveram sempre à disposição dos estudiosos que desejavam trabalhar em assuntos de Antropologia e de Etnologia; e manteve sem uma quebra o melhor entendimento com o Instituto de Antropologia da direcção do Prof. Mendes Corrêa.

«Entre os investigadores dos Institutos de Anatomia e Antropologia do Porto (são palavras deste último professor, escritas há já vinte anos) tem havido sempre a mais perfeita cordiali-

(1) Palavras lidas na sessão de 7 de Março de 1952 da *Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*.

dade e um entendimento fecundo, cordialidade e entendimento que por esse mundo fora são, infelizmente, raros entre estabelecimentos conexos. Emulações pessoais e rivalidades de escola se sobrepõem, com frequência, lamentavelmente, às vantagens dum trabalho em comum, duma associação de esforços. No Porto não sucede assim com os Institutos referidos, e o Prof. Pires de Lima é um dos professores que mais têm contribuído para essa aproximação cordial e útil» (1).

Pelos motivos expostos, entendemos que era dever de justiça — e muito gratamente o cumprimos — recordar o nome e a obra do incansável investigador na sessão de hoje, primeira que se efectua depois da sua morte, ocorrida, como sabeis, no dia 23 de Dezembro do ano findo.

Logo no início da sua carreira docente, o Prof. Pires de Lima, com orientação idêntica à do Prof. Henrique de Vilhena, quis juntar documentação para o estudo da miologia dos Portugueses, dando-se a esses trabalhos, como salientou o anatomista lisboense, «um intento decidida, sistemática, caracteristicamente etnológico».

Com esse fim, vários alunos do Instituto anatómico portuense encarregaram-se da dissecação sistemática, em grande número de cadáveres, dalgumas regiões do corpo humano para o estudo dos músculos pre-esternal, manioso, arco axilar muscular, bicipite braquial, palmar delgado, costureiro, pata de ganso, etc. O material colhido permitiu que Amândio Tavares (hoje nosso Reitor Magnífico), Silva Leal e Espregueira Mendes elaborassem, afora pequenos artigos, as suas teses de doutoramento e que Luís de Pina publicasse variadas notas sobre as investigações a que se entregou, após o seu estágio em Paris e Varsóvia, onde dissecou também muitos exemplares de Primatas.

As colecções osteológicas do Museu, a cujo progresso o falecido professor dedicou a maior atenção, permitiram vários estudos sobre a antropologia dos Portugueses. Recordarei as dissertações de doutoramento de António José da Cunha «Notas de camptometria nos crânios portugueses», de Aurélio da Silva Fernandes «Sobre uma correlação anatómica nos crânios portugueses», de Eduardo Valença «A fronte nos portugueses», e de Costa Santos «O ângulo facial em crânios portugueses», bem como as memórias de Amândio Tavares sobre metopismo, de Constâncio Mascarenhas sobre «O pterion nos portugueses», de Américo Pires de Lima sobre o polígono facial e a mandíbula, e de Alfredo

(1) Vid. *O Comércio do Porto* de 6-III-1932.

Athayde acerca de correlações faciais e de uma «Correlação entre a largura biorbitária interna e a largura da sela turca».

Além dos trabalhos do Prof. Pires de Lima sobre variações musculares, cuja importância antropológica salientou, devemos destacar da sua extensa bibliografia, especialmente, os estudos de Antropologia e Etnologia que mais interessam à índole da nossa Sociedade.

De colaboração por vezes com o então assistente do Instituto, Dr. Constâncio Mascarenhas, cuja tese do doutoramento versou sobre «As Castas da Índia», registemos a «Contribuição para o estudo antropológico do angolense», apresentada ao Primeiro Congresso de Medicina Tropical da África Ocidental, Luanda, em que se estudaram dezoito crânios e quatro mandíbulas soltas de Negros indígenas de Angola das colecções osteológicas do Instituto de Anatomia, confrontando-se os resultados obtidos com os doutros investigadores.

Na «Contribuição para o estudo antropológico de Timor» dão-se os resultados das observações de quatro crânios do Instituto, cuja análise etnogénica levou a concluir «que se trata duma série heterogénea em que diversos elementos étnicos intervieram para a constituição do indígena desta província».

A «Contribuição para o estudo antropológico de Moçambique» baseia-se na observação de catorze crânios de indígenas de junto de Marracuene, perto de Lourenço Marques, naturalmente da raça Landim. Do estudo descritivo e craniométrico dessas caveiras concluíram os autores que se tratava «de uma série homogénea, em que as oscilações observadas, em razão de não incidirem sobre as características essenciais e basilares para a diferenciação das raças não passam de meras flutuações acidentais. Esta homogeneidade, pelo facto de se apresentar pouco nítida, revela apenas a mestiçagem entre tribos ou grupos mais ou menos afins, pertencentes indubitavelmente ao grupo Banto, cuja divisão em tribos pode ver-se nos trabalhos de Stow e de Américo Pires de Lima».

Foram também estudados em três trabalhos vinte e nove crânios de diversas tribos, Papéis em maior número, da Guiné portuguesa da colecção do Instituto: uma nota preliminar apresentada em 1930 ao Congresso Internacional de Antropologia reunido em Portugal, um artigo sobre «Populações indígenas da Guiné portuguesa», publicado no Arquivo de Anatomia, e outro inserto no livro de homenagem ao Prof. Leite de Vasconcelos.

Foram estes os primeiros trabalhos que versaram a antropologia da nossa Guiné e neles se demonstrou que variadas raças participaram na constituição das respectivas populações.

O Prof. Pires de Lima e o Dr. Constâncio Mascarenhas concluíram, pelo exame dos índices cefálico e nasal e pelo ângulo naso-alvéolo-basilar, que dum modo geral se apreende «a influência de, pelo menos, dois grupos étnicos, tão heterogêneos na sua facies antropológica, como diversos e quicá antagonicos na sua formação intelectual e moral, nos seus usos e costumes, na sua tradição, na sua religiosidade, na sua civilização e cultura: — os grupos Arabo-Berbere e Negro».

Coube ao Prof. Pires de Lima abrir, com uma conferência, os trabalhos da 1.^a Secção do I Congresso de Antropologia Colonial com tanto êxito reunido no Porto em 1934, por ocasião da notável Exposição Colonial aberta no recinto do Palácio de Cristal, naves e jardins, na qual se juntaram centenas de indígenas vindos das nossas possessões.

Depois de fazer o balanço da contribuição portuguesa para o estudo antropológico dos povos que habitam as nossas províncias ultramarinas (Índia, Timor, Angola, Moçambique, Guiné, etc.), terminou por exprimir o voto de que o Palácio de Cristal se transformasse num Palácio das Colónias, isto é, num Instituto Colonial, anexo à Universidade do Porto, criando-se no parque um jardim botânico e um jardim zoológico, onde estivessem representadas as espécies das nossas Colónias. E acrescentava, num belo sonho de cultura, de patriotismo e de bairrismo: «Nas amplas salas do Palácio organizar-se-iam Museus de minerologia, agronomia, antropologia, etnologia, farmacologia e higiene coloniais, bem como uma biblioteca especializada, e ali fariam um estágio os missionários, os militares, os médicos, os enfermeiros, os funcionários, os agricultores, os industriais e os comerciantes que pretendessem exercer a sua actividade no nosso Império de Além-mar».

Quando publicou a conferência, já desiludido, confessava, em nota, que vira com mágoa dispersar todos os vestígios da magnífica Exposição, dizendo que a sua conferência publicada era o eco duma voz que bradara no deserto.

Apenas agora vamos ter um jardim botânico, graças à compra da Quinta do Campo Alegre. Tudo o mais foi um sonho, pois a Universidade nenhuma interferência tem na vida do Palácio de Cristal que lhe não pertence. Além disso, o alvitre do Prof. Pires de Lima foi logo combatido por aqueles que entendiam que o ensino colonial só se devia ministrar em Lisboa, dotando-se para isso em condições os estabelecimentos e escolas que já existiam na capital.

A Exposição Colonial deu margem a que variados estudos fossem empreendidos pelos investigadores dos Institutos de Antropologia e de Anatomia que sempre têm mantido, como já referi,

a mais franca e útil colaboração. Várias memórias publicadas por alunos e assistentes da Faculdade de Medicina, entre as quais algumas dissertações de doutoramento, baseiam-se em observações de exemplares dos Museus dos dois Institutos.

Repito hoje o que já disse noutra oportunidade: «A iniciativa dos Profs. Pires de Lima e Mendes Corrêa, no desejo de coligirem material para o conhecimento científico das populações do nosso Império de Além-mar, deve merecer o melhor elogio».

Aqui do Porto, do grupo brilhante da *Portugalia* (e nunca se esqueça o impulso dado pela reunião em Lisboa, com uma entusiástica recepção nesta cidade, do Congresso Internacional de Antropologia de 1880), partira o incitamento para o estudo da antropologia das nossas colónias e, como salientou o Prof. Pires de Lima, com grande ardor o recebeu Mendes Corrêa, iniciador do ensino oficial da Antropologia na nossa Universidade, organizador do seu operoso Instituto de Antropologia e fundador da activa Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, onde neste momento nos encontramos.

Não quis, com honra se diga, o Prof. Pires de Lima ficar estranho a esse movimento que marcou uma época muito brilhante da vida da Universidade portuense.

Com efeito, mal assumiu a direcção do Instituto de Anatomia, num louvável desejo de obter elementos para estudo dos indígenas das nossas possessões ultramarinas, pois achava indecoroso para o nosso brio de povo culto a ignorância em que nos encontrávamos, enviou aos Altos Comissários e aos Governadores das nossas Colónias uma circular, solicitando para o Instituto crânios de indivíduos pertencentes às populações atrasadas que estão sob o nosso domínio. Infelizmente, porém, nem uma só das autoridades a que ele se dirigiu lhe deu, sequer, resposta. E o Prof. Pires de Lima comentou, desiludido: «Por nosso mal, parece entenderem os dirigentes das nossas possessões ultramarinas que nelas só deve buscar-se dinheiro e condecorações...»

E vendo que nada conseguia por via oficial, pediu particularmente aos seus amigos residentes nas colónias que lhe enviassem elementos de estudo. E desta forma pôde receber variado material que veio enriquecer as colecções do Museu. Citem-se, portanto, com reconhecimento e louvor, os nomes dos Drs. Paiva Gomes (Timor), Santana Barreto (Guiné), Froilano de Melo (Índia), Fausto Lage (Cabo Verde), Fernandes Torres, Manuel Bragança e Manuel Joaquim dos Santos (Angola), e Cláudio Ferreira, Gouveia Pinto, António Barradas e Sousa Dias (Moçambique).

Em variados artigos o saudoso professor pugnou por que o Estado promovesse o reconhecimento antropológico das popula-

ções indígenas, « como uma tarefa preliminar para uma legislação justa, equilibrada, racional, prudente e, principalmente, eficiente na sua aplicação e resultados ». Tudo que então existia não passava « do fruto da iniciativa particular de alguns estudiosos que, talvez inconscientemente, deram a sua contribuição para defender os direitos da Nação, realizando alguns trabalhos, embora escassos, neste ramo da Ciência ».

Não foram esforços perdidos. A campanha iniciada, com tanto entusiasmo e perseverança, pelos Profs. Mendes Corrêa e Pires de Lima, bem como os trabalhos doutros investigadores de Coimbra e Lisboa, modificaram o ambiente, despertando o interesse dos estudiosos e chamando a atenção das estâncias oficiais. E assim já foi possível organizar várias missões antropológicas ao Ultramar e ampliar-se o âmbito da Junta das Missões Geográficas e de Investigações Coloniais, de Lisboa.

As memórias citadas que publicou o Prof. Pires de Lima acerca da Antropologia colonial foram, mais tarde, reunidas num volume que também inclui os artigos sobre « Poliodontia numa negra de Angola », sobre agenesia dos ossos nasais num crânio da Guiné, e sobre o ensino colonial, artigo em que lamentou o haver-se dispersado e, por isso, perdido para o ensino e para a investigação todo o valioso material que enriquecia a brilhante e magnífica Exposição Colonial do Porto. O volume insere, ainda, a Bibliografia portuguesa sobre Antropologia colonial e ciências afins.

Dado o interesse do Prof. Pires de Lima por este género de estudos e conhecidos os trabalhos do seu Instituto acerca de alguns músculos e suas variações, foi ele o escolhido no Congresso Anatómico de Londres de 1927, por proposta do Prof. Loth, de Varsóvia, para representar os anatomistas de língua portuguesa na comissão internacional que se devia ocupar da organização e direcção das pesquisas sobre antropologia das partes não ósseas dos indígenas primitivos. Ao Prof. Pires de Lima, eleito vice-presidente dessa comissão na reunião do ano seguinte em Praga, caberia o que dissesse respeito às nossas colónias e ao Brasil. Embora, por dificuldades de vária ordem, o plano do Prof. Loth não tivesse sequência eficaz, ainda se chegou, dentro do critério estabelecido, a executar algum trabalho. Assim, Álvaro Rodrigues, Luís de Pina e Sousa Pereira dissecaram um Negro de Moçambique, publicando o resultado das suas pesquisas nas *Folia Morphologica* de Varsóvia e na revista da nossa Sociedade. E, anos depois, tanto Armando Leão como Filipe Ferreira e Martins d'Alte dissecaram também Negros de Moçambique, arquivando igualmente os resultados nos « Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia ».

Entre os numerosos trabalhos publicados pelo saudoso Professor contam-se também bastantes sobre Etnografia, campo igualmente da sua predilecção. Deles vamos dar agora breve notícia.

O primeiro estudo da especialidade que menciona a *Bibliografia* daquele Professor, publicada em 1942 pelo Dr. Martins d'Alte, então seu Assistente, versa «À ectrodactilia na lenda» (Lendas da Dama de pé de cabra, de Herculano, e da Maria Alva que originaria o nome da vila de Marialva). Pouco depois, ocupou-se o ilustre cientista dos benzedores e das panaceias da raiva, no estudo «O dente santo de Aboim da Nóbrega e a lenda de S. Frutuoso (abade)», a propósito da oferta à Faculdade de Medicina de um dente molar, a que um curandeiro do concelho de Vila Verde, preso em Gaia, atribuía a rara virtude de prevenir aquela doença, desde que fossem benzidas com ele as pessoas mordidas dum cão danado, visto esse dente ser, segundo afirmava, do próprio crânio de S. Frutuoso, abade de Constantim, perto de Vila Real, advogado contra as mordeduras dos cães hidrófobos. Mais tarde (1944) voltou a aludir ao assunto e às *cabeças-santas* empregadas na cura ou profilaxia da raiva.

Muito dedicado a assuntos de Teratologia, em que adquiriu grande e justo renome, o Prof. Pires de Lima tratou, em 1921, das superstições relativas a várias monstruosidades orgânicas e causas extravagantes que o povo lhes atribui, muitas das quais são sobrevivências do paganismo. No ano seguinte, ocupou-se das «Tradições Portuguesas de origem possivelmente muçulmana», pois a leitura do Alcorão deixara-o convencido de que o Islamismo exercera no nosso povo influência maior do que geralmente se supunha. Não se esqueceu de mencionar também em seus artigos o que sobre teratologia e tatuagem encontrou na literatura portuguesa.

Em «Uma visita ao monte de S. Miguel-o-Anjo» (1928) estudou os costumes dos habitantes da região, e dois anos depois narrou-nos as lendas de Entre-Douro-e-Minho e de Trás-os-Montes a respeito do Sardão.

Recordou os antigos costumes da terra onde nasceu, as festas das janeiras, as loas do velho Natal português, as rabanadas de mel, de origem romana, já citadas por Ovídio; e outras evocações etnográficas do Alto Minho lhe devemos, com relatos de tradições que conheceu de Melgaço ao Peso.

Também a barba e o bigode lhe mereceram, como a Leite de Vasconcelos, atenção e no trabalho que lhe dedicou há variadas considerações de carácter etnográfico.

Das numerosas esculturas feitas por indígenas africanos que se guardam no Museu do Instituto de Anatomia (secção de Etnografia colonial), destacou, para apresentar, doze de animais, exe-

cutadas em Moçambique e Angola. São duas rãs, dois crocodilos, um rinoceronte, dois hipopótamos, uma serpente, uma ave pernalta e uma galinha da Índia ou Fraca (*Numida meleagris*) selvagem, a mostrar-nos do que são capazes os indígenas do nosso ultramar africano.

Ao Congresso Nacional de Ciências da População (1940) apresentou uma comunicação em que versou a «Influência dos Mouros, Judeus e Negros na Etnografia Portuguesa», assunto que desenvolveu depois em livro nesse mesmo ano publicado, no qual estudou a influência daqueles povos e as tradições a eles ligadas em cada uma das seis províncias em que o território português se dividia antigamente: Entre-Douro-e-Minho, Trás-os-Montes, Beira, Estremadura, Alentejo e Algarve. Posteriormente, no livro publicado em 1948, após a sua jubilação, intitulado «Dobrando o Cabo Tormentório», alguma coisa rectificou e aditou àquela obra.

Prestou sempre o Prof. Pires de Lima cuidadosa atenção à colheita de termos de Anatomia humana não só nas obras dos nossos clássicos (Gil Vicente, Fernão Lopes, D. Duarte), mas também na linguagem do nosso povo. E, assim, publicou em 1919 um «Vocabulário anatómico popular», reeditado, com sucessivas ampliações, em 1938 e 1942. E mais tarde (1946) deu a lume um livro com o resultado da colheita de termos anatómicos no adagiário português, «O Corpo humano no adagiário português». Mas, como encontrasse uma bibliografia muito extensa relativa a adágios e provérbios, teve de limitar a pesquisa a três colecções apenas: as de António Delicado, Pedro Chaves e Rebelo Espanha. No decurso do trabalho, que compreende quinze capítulos, sempre que o ensejo se ofereceu, confrontou os adágios portugueses com os da colecção brasileira de Lamenza e com os do «Refranero médico» do espanhol Castillo de Lucas.

De colaboração com seu Filho, deu à estampa um volume sobre «Nossa Senhora em Portugal», em que se incluem capítulos acerca do que nos dizem a tradição e a lenda, bem como o que se encontra no Cancioneiro popular e nos poetas antigos, sobretudo Gil Vicente.

Ainda com seu Filho, publicou em 1943, com a colaboração artística de Cláudio Carneiro (Quatro composições inéditas do distinto professor) e de sua Filha, D. Maria Clementina (música de alguns romances por ela colhidos em S. Simão de Novais), valiosa «Contribuição para o estudo do Romanceiro Minhoto». São mais de cinquenta romances ouvidos ao povo naquela aldeia do Minho.

Também tem a colaboração do Dr. Fernando Pires de Lima

um artigo acerca de «Os Fiéis de Deus» (1949), cerimónia e costumes relativos à festa de Todos-os-Santos e dos Fiéis Defuntos, no qual se inclui a melodia «Bólinhos, bolinhos» que ouviu cantarolar pelas ruas de Coimbra a um grupo de rapazes em Novembro de 1938, e sua Filha colheu.

Em livro editado em 1947, intitulado «A meu ver...» e noutro editado no ano seguinte, «Dobrando o Cabo Tormentório», reuniu variados artigos que haviam saído já em diferentes revistas, nalguns dos quais também se encontram muitas notas etnográficas, menção de romances, contos e canções populares, colhidos da tradição, etc.

Noutros trabalhos ainda, como em «A alma de Portugal na sua passagem para o Brasil» (1948), «As bebidas alcoólicas no folclore ibero-americano» (1950), naquele que consagrou a S. Rosendo e no que descreveu uma técnica de cirurgia veterinária rural, bem como nalguns capítulos do volume, publicado em 1948, «Dobrando o Cabo Tormentório», se lêem referências de carácter etnográfico.

Com estes estudos, que lhe ocupavam as férias e as horas livres do seu fecundo labor de anatomista, quis também o Prof. Pires de Lima contribuir para o melhor conhecimento do povo português, quer do continente quer do nosso vasto Império de Além-mar, seguindo o exemplo de vários estudiosos, dentre os quais avulta outro filho muito ilustre da velha Escola Médica do Porto, o sábio etnólogo Dr. José Leite de Vasconcelos.

Esforcei-me por ser breve, pois sòmente desejava dar aqui, muito em resumo, ideia da actividade do Prof. Pires de Lima no campo da Antropologia e da Etnografia, lembrando os seus esforços para coligir materiais que pudessem ser úteis aos investigadores. Outro, porém, foi o âmbito da sua principal acção de professor: o ensino e a investigação anatómica. Na criação e direcção do Instituto de Anatomia é que está, na verdade, a sua glória e por elas e pelo trabalho que realizou ali com os seus discípulos e colaboradores é que o seu nome passou as fronteiras do nosso País. Mas em todas as manifestações do seu labor docente no domínio da Ciência e da Cultura — porque ele, de facto, não quis ser senão professor — se revelaram a sua dedicação pelo trabalho científico desinteressado, o seu zelo pelos progressos do ensino, o seu amor, enfim, à Universidade e principalmente à Faculdade de Medicina, por cujo prestígio sempre pugnou. Por isso, a sua vida foi um alto exemplo e uma grande lição para todos nós.

A Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, que muito lhe deve, não pode deixar de consignar na acta da sessão de hoje um voto de profundo pesar pela perda de tão eminente professor e eu peço que em homenagem à sua memória saudosíssima guardemos uns momentos de silêncio e comovido recolhimento e oração.

HERNÂNI MONTEIRO.

Contribuição para o estudo antropológico dos concelhos de Bragança e da Póvoa de Varzim

As observações, a que se refere esta nota, foram colhidas pela Secção de Antropologia Física e Biologia Humana do Centro de Estudos de Etnologia Peninsular em mancebos a inspecionar pelas Juntas de Recrutamento Militar, que funcionaram nas sedes dos concelhos na epígrafe respectiva.

Embora o número dessas observações, referentes ao concelho de Bragança, seja inferior ao das obtidas na Póvoa de Varzim, pareceu-nos de interesse comparar alguns caracteres antropológicos das populações das mencionadas regiões.

Nesta nota só entramos em consideração com os indivíduos da freguesia da Póvoa de Varzim, abrangendo a população piscatória da vila, que vamos comparar com os das freguesias da Sé, S.ta Maria, Quintela de Lampaças, Salsas, Izeda e Coelhoso, do concelho de Bragança. Não se tomaram em consideração os indivíduos da colónia penal, que entraram à inspecção pela freguesia de Izeda. Feita a análise da variância entre as séries das populações destas freguesias, não apareceu nenhuma discrepância altamente significativa; apenas para o comprimento da perna se obteve um valor de P compreendido entre 0,05 e 0,01.

Os caracteres mencionados nesta nota foram observados em 218 indivíduos da freguesia da Póvoa de Varzim e 112 do concelho de Bragança, segundo a técnica de Martin, sendo do mesmo autor a escala da cor dos olhos adoptada para comparação, classificando-se de escuros os olhos com a pigmentação idêntica à dos modelos da escala até ao n.º 4, incluindo-se os restantes n.ºs na categoria de claros.

A percentagem dos olhos claros em Bragança é de $57,11 \pm 4,68\%$ e na Póvoa de Varzim de $84,40 \pm 2,45\%$.

A percentagem do concelho de Bragança é superior à obtida pelo Prof. Tamagnini para o distrito do mesmo nome (A Pigmen-